

Inglêses no Brasil

um estudo de encontros culturais

MARIA LÚCIA GARCIA PALLARES-BURKE

RESUMO: O texto resenha *Inglêses no Brasil*, de Gilberto Freyre (Rio de Janeiro, Topbooks, 2000).

PALAVRAS-CHAVE:

cultura brasileira,
cultura britânica,
antropologia,
história.

A anglofilia de Gilberto Freyre era notória e confessa. Sentia “*um amor físico e ao mesmo tempo místico à Inglaterra*” e chegou mesmo a admitir que às vezes pensava e até sentia em inglês. É por isso que ele já foi descrito como sendo, de fato, dois: o pernambucano “*velho sábio de Apipucos*” e o inglês. Até mesmo sua aparência era testemunha de seu lado anglófilo. Com seu paletó de *tweed* no Recife tropical, podia ser confundido com um coronel inglês a serviço de Sua Real Majestade, a Rainha da Grã-Bretanha. Nisso Freyre conta com precursores notáveis, como Voltaire, por exemplo, que também era um anglófilo confesso e se orgulhava do jardim à inglesa que construía em Ferney, por onde vagava vestido à *gentleman* inglês. No entanto, assim como em Voltaire, a anglofilia de Freyre não tem um interesse meramente anedotário. Ao contrário, o relacionamento, às vezes difícil e tenso, entre esses dois Freyres está na base dos traços mais inovadores e marcantes da interpretação da cultura brasileira desenvolvida pelo “*sábio de Apipucos*”.

Inglêses no Brasil é um dos felizes resultados do relacionamento desses dois Freyres. Publicado no Rio de Janeiro em 1948, mas raramente mencionado em estudos sobre a formação de nossa cultura e jamais traduzido, nem mesmo para o inglês, este estudo rico e pioneiro dá, no entanto, uma contribuição essencial ao projeto freyreano, iniciado com *Casa-grande & senzala*, de reconstruir o desenvolvimento do Brasil nos seus aspectos mais

Professora da FE-USP e Pesquisadora associada do Centre of Latin American Studies - University of Cambridge

íntimos. Sem um estudo do impacto dos aspectos materiais e imateriais da cultura britânica na nossa formação, argumentava Freyre, seria impossível compreender a história e o *ethos* da cultura brasileira.

Pela louvável iniciativa da editora *Topbooks*, esse estudo extremamente informativo, sugestivo e abrangente está novamente ao alcance dos leitores de língua portuguesa. Acrescido de um elegante, perceptivo e erudito prefácio de Evaldo Cabral de Mello e de um cuidadoso índice onomástico, *Ingleses no Brasil* é um livro que agradará não só aos interessados pela história de nossa formação, como também àqueles preocupados com questões gerais sobre encontros culturais e sobre métodos de estudos de tais encontros.

À primeira vista pode parecer que *Ingleses no Brasil* é pouco mais do que um variado, colorido e, muitas vezes, confuso mosaico descritivo das marcas aqui deixadas por eles, especialmente no séc. XIX, quando o país se tornou o terceiro maior mercado externo da Grã-Bretanha. Tão marcante era então a influência britânica, que intelectuais ciosos de nossa brasilidade se queixavam que se estava “*londonizando nossa terra*”. Lendo as densas páginas desse livro, o leitor pode se inteirar de quanto a reeuropeização do Brasil se deveu aos ingleses. Uma pequena amostra dessa imensa dívida arrolada por Freyre pode incluir os primeiros telégrafos, bondes, e estradas de ferro; os hábitos de tomar banho de mar e o chá das cinco; a substituição das tradicionais venezianas de madeira pelas vidraças, dos sucos de frutas tropicais pela cerveja e chá, dos xales orientais pelas capas e chapéus; e até mesmo fantasmas ingleses de tez e cabelos claros sendo incorporados ao nosso estoque de fantasmas nativos e morenos.

Todavia, esse volumoso e pioneiro trabalho de pesquisa, por si só valioso, pois feito por mãos de um mestre, tem uma importância maior do que fazem supor seu caráter fragmentário e seu modesto subtítulo: “*Aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*”. Por trás desse imenso inventário, essa obra contém o que se poderia chamar de um “*manifesto para uma história antropológica*”; ou melhor, um *quase-manifesto*, considerando que a característica leveza e informalidade do discurso freyreano, tão pouco afeito à sisudez e ao rigor acadêmico tão comumente associados a manifestos, estão aí muito presentes. Partindo da premissa de que os personagens mais ilustres e os fatos mais grandiosos contam só uma parte da história, Freyre mostra que para se conhecer as influências de uma cultura sobre a outra é necessário se estudar os personagens mais obscuros e os “*pormenores significativos*”. São os mecânicos, foguistas, maquinistas e outros “*maria-borracheiras da história*” que revelam os aspectos menos grandiosos, mas mais humanamente significativos das influências culturais. É assim que, na linha que viria a ser defendida décadas mais tarde por historiadores como Carlo Ginzburg e Natalie Davis, Freyre insiste em *Ingleses no Brasil* que o estudo dos fatos aparentemente miúdos e irrelevantes do cotidiano doméstico, das oficinas, dos bastidores das estradas de ferro etc, pode ser

uma grande via de acesso aos fenômenos mais gerais do passado de uma cultura, um modo de combinar, na recuperação histórica, o social com o pessoal, o universal com o individual.

Duas são as fontes que Freyre privilegia nesse seu pioneiro estudo psico-social do encontro cultural Brasil-Inglaterra: a correspondência consular (não rigorosamente diplomática) e o anúncio de jornal. Fontes até então “*marginalizadas pela história política*”, é nelas que Freyre foi buscar os substitutos para o trabalho de campo do antropólogo, como bem lembra Cabral de Mello. Revelando as relações culturais, tais como se manifestam não nos grandes eventos políticos ou diplomáticos, mas no dia a dia da sociedade, essas fontes falam sobre o que os documentos oficiais se calam. Não só o fato único é aí registrado, mas também o recorrente e miúdo, que “*sem importância, a princípio*”, torna-se “*sociologicamente significativo*” quando repetido. Os anúncios, em especial, nos dão acesso ao fenômeno de anglicização em pleno processo. Os leilões, tão populares no séc. XIX, diz Freyre, eram verdadeiras “*aulas práticas de europeização*” e seus anúncios são preciosos para a recuperação de nosso passado.

Anos antes de publicar esse livro Freyre confessara que vira Portugal com “*olhos de inglês*”, pois estava “*impregnado de literatura inglesa*”. Pode-se dizer que o mesmo se repetia no caso brasileiro e que Freyre estava a ver seu próprio país, aí incluindo os ingleses no Brasil, também com “*olhos de inglês*”. Esse seria, assim como fora para Voltaire, seu olhar antropológico. Guiado e inspirado pelas qualidades retratistas de um grande rol de britânicos – ensaístas, romancistas, memorialistas, missionários, cientistas e técnicos – que eram ou exímios na “*técnica da fixação do pormenor significativo*” ou na arte de relatar fiel e minuciosamente o que viam, Freyre teria adquirido distância e se predisposto a perceber aspectos não notados por outros estudiosos.

É a partir de tal distância que ele passa então a ver o encontro das culturas britânica e brasileira como um fenômeno que era inadequadamente abordado pelas visões extremistas dos “*patriotas sonhadores*”, para quem o capitalismo colonizador, com seus “*dentes de piranha*”, só trouxera malefícios ao país. Ao contrário, como parte de uma história multifacetada, feita de nuances e avessa a polaridades, esse encontro envolvera – é o que Freyre procura mostrar – resultados imprevisíveis e desconcertantes, que abalam a crença em pretos e brancos absolutos. Afirmar, por exemplo, que as estradas de ferro unicamente serviram aos interesses do capitalismo britânico e da monocultura escravocrata é se contentar com “*meias-verdades*”, pois elas também prepararam o caminho para a policultura democrática e para a legislação em defesa do trabalhador.

Do mesmo modo, uma história atenta aos claro-escuros das relações entre culturas, que os “*pormenores significativos*” revelam, terá olhos não só para ver a penetração da mais rica e dominante na mais pobre e subalterna, mas também para entrever aspectos menos visíveis do processo de “*interpenetração de culturas*”. Sim, pois se a Inglaterra aqui provocou uma

“*revolução branca, suave*”, ela também enfrentou resistências, teve de se acomodar à cultura local e foi, em algum grau, penetrada pela cultura invadida. Pois não há dúvida, segundo Freyre, que enquanto o Brasil era maciçamente anglicizado, os ingleses também se abasileiravam. Resta saber o que eles levavam na sua bagagem de volta, além das coleções de borboletas e dos exóticos papagaios e macacos, do gosto pelo doce com queijo e dos móveis de estilo feminino, curvo e gracioso (em substituição a seus móveis angulosos de “*linhas anglicanamente secas*”). Dentre os muitos estudos sugeridos por Freyre, este também ainda está para ser feito.

Recebido para publicação em agosto/2001

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. The English in Brazil: a study on cultural encounters. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **13**(2): 227-230, November 2001.

KEY WORDS:
Brazilian culture,
British culture,
anthropology,
history.

ABSTRACT: This text is a review of *Ingleses no Brasil* by Gilberto Freyre (Rio de Janeiro, Topbooks, 2000).